

## APRESENTAÇÃO

Os escândalos sexuais são um fato inegável na vida da Igreja católica. A explosão de tais escândalos nos vários continentes nos últimos anos fez com que os Papas Bento XVI e Francisco rompessem com o código de silêncio que, por muito tempo, levou a Igreja a ser considerada cúmplice de tais escândalos.

A mudança de postura na atitude da Igreja a fez assumir sua missão profética quanto à proteção de crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, ser voz profética quanto ao cuidado pastoral das vítimas de abuso sexual. A humildade, a transparência e a verdade para tratar de um tema tão dolorido como esse têm constituído o caminho que a Igreja decidiu percorrer para edificar uma nova cultura de proteção e defesa dos mais vulneráveis.

Não se trata mais de estar preparada para enfrentar casos isoladamente. A Igreja tem consciência de que é preciso superar a cultura do silêncio com uma nova cultura preventiva e formativa. Por isso, urge abordar o assunto durante todo o processo formativo – tanto inicial quanto permanente –, para que o discernimento diário da vontade de Deus leve à progressiva conformação com os sentimentos e as ações de Jesus Cristo e à sincera e confiante abertura à ação do Espírito.

Apreciar o celibato, a continência e a castidade implica a capacidade de *intus legere* o que Deus quer de nós e como espera que sejamos expressão da sua justiça, do seu amor e da sua misericórdia. Os relatos dos Evangelhos deixam claro que, embora os discípulos tivessem sido escolhidos e formados pelo próprio Jesus, alguns o desiludiram traindo-O,

renegando-O e abandonando-O no momento mais crucial da sua missão (Mc 14,43-46.52.66-71).

Hoje, como ontem, Deus continua chamando pessoas frágeis e vulneráveis para serem continuadoras da sua missão e, com isso, Ele é o primeiro a testemunhar que é possível buscar a santidade e vivê-la de modo coerente, mesmo sendo frágil e vulnerável. Isso porque a grandeza do chamado de Deus e a consciência de amar como pobre é que dão ao vocacionado a certeza de que, se não permanecer unido à videira (Jo 15,4-5), ele não apenas a perde, mas também se perde.

Permanecer unido à videira é condição para não se perder e não perder nenhum daqueles que são de Deus e a Ele pertencem. Enxertados em Jesus é que os vocacionados à vida religiosa e sacerdotal poderão amar como Ele ama, dedicar-se a um ministério a tempo pleno, testemunhar corajosamente que as renúncias implícitas no compromisso do celibato, da continência e da castidade não mudam a essência do vaso, mas colaboram para que ele não comprometa a beleza do tesouro do qual é portador.

Esta obra quer ser uma contribuição àqueles que, na Igreja, têm a responsabilidade pelo discernimento vocacional e pelo processo formativo. Embora todo o presbitério e toda a comunidade religiosa tenham essa responsabilidade, cabe mais diretamente aos formandos e aos formadores empenharem-se para que possamos ir além de uma nova cultura meramente preventiva. Trata-se de edificar uma *nova cultura formativa*. E, nesse sentido, os autores desta obra, com coragem e generosidade, não se atêm a ajustes, retoques e cuidados meramente estéticos e, portanto, cosméticos. Eles tocam os verdadeiros nós que, no processo formativo, clamam pela edificação de uma *nova cultura formativa*. Temas como sexualidade, afetividade, sensibilidade, qualidades das relações; celibato, continência

e castidade; integração eros-ágape e formação do coração; equívocos e desafios no processo formativo; formação afetivo-sexual dos formadores; acompanhamento afetivo-sexual dos formandos; itinerários de formação à castidade, são temas abordados integrando firmeza e leveza, estudo e experiência, ciência e sabedoria, justiça e misericórdia.

A leitura e a reflexão sobre os capítulos que seguem poderão resultar, para algumas pessoas, indigestas, por causa do tema em si mesmo; para outras, temperadas demais ou de menos; para outras, ainda, saborosas ao paladar. Embora as reações possam ser diversas, a indigestão poderá ser superada com o devido remédio; o tempero demais ou de menos poderá ser ajustado com outras vozes; o gostoso sabor poderá estimular o desejo de buscar sentidos ainda mais refinados e prazerosos. É assim que se edifica uma *nova cultura formativa*: com a participação de toda a comunidade, sabendo-se, contudo, guiada pelo Espírito, único capaz de fazer novas todas as coisas e, mais ainda, todas as pessoas, até mesmo aquelas que acabaram sendo inféis porque deixaram de produzir os devidos frutos.

**Dom José Negri**

*Bispo Diocesano de Santo Amaro*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Dom José Negri é Doutor em Psicologia (Pontificia Università Gregoriana – Roma), Membro do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME) e Presidente da Comissão para a Proteção dos Menores, responsável por assessorar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre o assunto.

## **ESCÂNDALOS SEXUAIS: IMPACTOS NA VIDA DA IGREJA**

Nelson Giovanelli Rosendo dos Santos<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Podemos dizer que a Igreja, hoje, passa por grande crise de credibilidade devido aos escândalos sexuais que não pararam de vir à tona nas duas últimas décadas. Embora eu reconheça a complexidade da questão e, portanto, a dificuldade de dizer uma palavra definitiva sobre o tema, devo reconhecer, também, o limite da minha experiência para abordar o assunto. Não obstante tenha dedicado a minha vida a esta causa, há mais de trinta anos, minha compreensão do tema é mais experiencial do que acadêmica.

Pretendo, portanto, desenvolver o tema, à luz das observações apenas feitas, em quatro momentos: o impacto dos escândalos na vida de cada pessoa, na comunidade, na Igreja do Brasil e na Igreja Universal.

### **1. O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS NA VIDA DE CADA PESSOA**

As marcas do abuso sexual na vida de uma pessoa, seja ela quem for, são profundas e deletérias. No caso de a

<sup>1</sup> Nelson Giovanelli Rosendo dos Santos é membro da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores (Vaticano) e fundador da Fazenda da Esperança (Guaratinguetá – SP).

pessoa abusada ser uma criança ou um adolescente, o efeito é pior, visto que, além de o abuso ser uma agressão, a criança e o adolescente não estão preparados, nem física nem psicologicamente, para viver/experimentar esse aspecto da sexualidade. Essa forma de violência, como explicam Viviana Colonnetti e Carina Rossa, “deixa ‘registros negativos’ não elaborados”<sup>2</sup> que condicionarão toda a vida da pessoa, tanto no âmbito relacional quanto no âmbito afetivo, e a repercussão poderá ser na saúde física (lesões abdominais, torácicas, cerebrais, no sistema nervoso central, oculares, queimaduras etc.), psicológica (comportamento suicida e automutilação, sentimento de culpa e vergonha, incapacidade de relacionar-se, diminuição da capacidade cognitiva, depressão e ansiedade, transtornos alimentares e do sono, entre outros), bem como no aspecto sexual reprodutivo (doenças sexualmente transmissíveis, disfunções sexuais, gravidez não desejada etc).<sup>3</sup>

O abuso sexual, de modo geral, é cometido por “um adulto com quem a criança construiu um relacionamento afetivo e de confiança”;<sup>4</sup> muitas vezes, é membro ou amigo da família “e se desenvolve em uma atmosfera de segredo e ocultamento”<sup>5</sup>

Quando cometido por um membro do clero ou por um religioso, acarreta uma falta de confiança desencadeada pela sensação de impunidade, traição e solidão que perdura, em muitas situações, por décadas. Consequentemente, muitos deixam a Igreja e passam a duvidar da própria fé.

<sup>2</sup> COLONNETTI, Viviana Carlevaris; ROSSA, Carina. *Proteger a infância: proteção integral e garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes*. Vargem Grande Paulista, São Paulo: Cidade Nova, 2019.

<sup>3</sup> Ver também: PRALONG, Joël. *As lágrimas da inocência. A infância abusada e maltratada. Um caminho de reconstrução*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sementes do Verbo, 2019.

<sup>4</sup> COLONNETTI; ROSSA, *op. cit.*, p. 66.

<sup>5</sup> *Ibid.* p. 57.

Para quem se sente membro da Igreja, pedra viva do edifício, é impossível não se sentir impactado, quando alguma notícia é publicada envolvendo a Igreja – por meio de padres, religiosos e seminaristas – envolvidos em escândalos sexuais. Para o Papa Bento XVI:

Todos nós estamos sofrendo como consequência dos pecados dos nossos irmãos que traíram uma ordem sagrada ou não enfrentaram de modo justo e responsável as acusações de abuso. Perante o ultraje e a indignação que isto causou, não só entre os leigos, mas também entre vós e as vossas comunidades religiosas, muitos de vós vos sentis pessoalmente desanimados e também abandonados. Além disso, estou consciente de que aos olhos de alguns sois culpados por associação, e considerados como que de certo modo responsáveis pelos delitos de outros.<sup>6</sup>

Quem tem amor e gratidão pela Igreja não consegue não sofrer. O sentimento é de responsabilidade pelo abuso ou crime cometido. Explicou muito bem isso o Papa Francisco numa carta dirigida ao Povo de Deus sobre o tema: “Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele” (1Cor 12,26):

Sentimos vergonha quando percebemos que o nosso estilo de vida contradisse e contradiz aquilo que proclamamos com a nossa voz. [...] Com vergonha e arrependimento, como comunidade eclesial, assumimos que não soubemos estar onde deveríamos estar, que não agimos a tempo para reconhecer a dimensão e a gravidade do dano que estava sendo causado em tantas vidas. Nós negligenciamos e abandonamos os pequenos. Faço minhas as palavras do então

<sup>6</sup> BENTO XVI, Papa. Carta Pastoral aos Católicos na Irlanda (19/03/2010). Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20100319\\_church-ireland.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20100319_church-ireland.html)>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

Cardeal Ratzinger quando, na Via-Sacra escrita para a Sexta-feira Santa de 2005, uniu-se ao grito de dor de tantas vítimas, afirmando com força: “Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência!... A traição dos discípulos, a recepção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração. Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: *Kyrie, eleison* – Senhor, salvei-nos (cf. Mt 8,25)” (Nona Estação).<sup>7</sup>

No caso de abuso sexual perpetrado por um clérigo ou consagrado, são dois os membros que mais sofrem; dois filhos da mesma mãe, a Igreja: a vítima e o vitimizador. Embora seja impossível medir sofrimento, a Igreja tem consciência de dever dar prioridade à pessoa que, na relação abusiva, tem menos poder, a que é mais vulnerável, isto é, à vítima. É esse o tipo de sentimento que justifica, por exemplo, por que o Papa Emérito Bento XVI – que teve a graça de conhecer pessoalmente quando visitou a comunidade da Fazenda da Esperança – teve a coragem de se encontrar com vítimas de abuso sexual por parte do clero e pessoalmente pedir-lhes perdão em nome de toda a Igreja pelos abusos sofridos. É esse tipo de sentimento que também fundamenta a atitude do Papa Francisco ao receber em sua casa muitas vítimas de abusos perpetrados por clérigos e consagrados e pedir-lhes perdão em nome de toda a Igreja. O sofrimento de Francisco diante das vítimas e de toda essa escandalosa situação na Igreja fez com que ele decidisse criar uma Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores,

<sup>7</sup> FRANCISCO, Papa. Carta ao povo de Deus (20/08/2018). Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco\\_20180820\\_lettera-popolo-didio.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html)>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

formada também por pessoas que foram vitimizadas, como um órgão consultivo que o assessorasse no enfrentamento dessa crise. Acabei sendo impactado pessoalmente quando, em fevereiro de 2018, fui surpreendido por um telefonema do Cardeal Sean Patrick O'Malley, da arquidiocese de Boston (EUA), consultando-me se eu aceitaria uma nomeação do Santo Padre para participar da referida Comissão. Entendi, a partir daquele momento, que não se tratava somente de um impacto pessoal afetivo, mas efetivo, porque implicaria estar disposto a me envolver diretamente com as preocupações do Santo Padre no trabalho de escuta das vítimas, elaboração de normas para enfrentar tais escândalos e educação e formação de uma nova cultura de salvaguarda das crianças, adolescentes, jovens e adultos vulneráveis.

## **2. O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS NO ÂMBITO COMUNITÁRIO**

Quando foi publicada a minha nomeação, compreendi imediatamente o quanto a minha comunidade – a Fazenda da Esperança – resultaria impactada. Esse momento significou que nossas experiências feitas durante os 36 anos de existência, na escuta e no acompanhamento das vítimas, conduzindo-as a um processo de abertura, perdão, reconciliação e doação, deveriam agora ser partilhadas como uma alternativa de resposta a uma crise mundial, que envolvia toda a Igreja.

Entretanto, há alguns anos temos recebido em nossas comunidades – espalhadas em 24 países – vítimas de todo tipo de abuso sexual, como também clérigos que, depois de passarem pelo doloroso caminho do processo canônico e civil, se dispõem a fazer uma experiência pessoal de restauração. Portanto, esse impulso já temos sentido há anos.

Ainda em nível comunitário, desde o ano passado, tomando consciência das orientações e exigências que



partiram de Roma, por meio da Congregação da Doutrina da Fé, especialmente no documento de 2011, que pedia a todas as dioceses e congregações que elaborassem suas linhas de orientações de como enfrentar as denúncias de abuso sexual cometido por membros da Igreja, tivemos de fazer o esforço de elaborar também as nossas. Isso significou o esforço de criar entre todos os membros da comunidade a consciência da necessidade de ambientes seguros para as crianças, adolescentes e jovens. Com isso, demos início a programas de formação para todos os líderes.

### **3. O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS NA IGREJA DO BRASIL**

O impacto dos escândalos sexuais fez com que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da criação de uma comissão especial, trabalhasse na elaboração de diretrizes que orientassem toda a Igreja: *O cuidado pastoral das vítimas de abuso sexual*.<sup>8</sup> Esse documento seguiu rigorosamente as orientações dadas pela Congregação para a Doutrina da Fé e pela Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores, no que diz respeito aos procedimentos desde o momento em que ocorre a denúncia de um abuso sexual até a instauração do processo que terá seu julgamento final no próprio Dicastério competente para esse fim.

A primeira parte do documento diz respeito às orientações sobre aspectos psicológicos do abuso sexual. Ela apresenta as definições necessárias para a compreensão do tema; apresenta algumas causas da pedofilia e alguns aspectos da ação do pedófilo. A segunda parte aborda as orientações sobre os aspectos jurídicos, tanto canônicos quanto civis: depois de apresentar as orientações canônicas, o documento

<sup>8</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O cuidado pastoral das vítimas de abuso sexual*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

trata das competências da ação penal e da prescrição, da obrigatoriedade da investigação prévia, dos responsáveis e das normas para tal investigação, das medidas cautelares, do encaminhamento às devidas autoridades canônica e civil, da ajuda às vítimas e aos clérigos acusados. Por fim, apresenta as orientações do direito brasileiro sobre o assunto. A terceira e a quarta partes tratam, respectivamente, das orientações sobre aspectos da comunicação e pastorais. A quinta parte apresenta algumas recomendações finais.

Embora esse Documento da CNBB seja um marco na caminhada da Igreja do Brasil, não podemos deixar de ter presente que, desde 2010, na 48ª Assembleia Geral, os Bispos do Brasil divulgaram a postura a ser assumida pela Igreja em todo o país:

Os Bispos Católicos do Brasil expressam seu compromisso e empenho na investigação rápida e eficaz dos casos de abuso sexual na Igreja, em que padres e religiosos são acusados, tomando as medidas canônicas e civis cabíveis.

O tratamento do delito deve levar em consideração três atitudes: para o pecado, a conversão, a misericórdia e o perdão; para o delito a aplicação das penalidades (eclesiástica e civil); para a patologia, o tratamento.

Os bispos reconhecem o mal irreparável a que foram acometidas as vítimas e suas famílias; a elas dirigem seu pedido de perdão, acompanhado das suas orações, prometendo envidar esforços para ajudá-las na superação de tão grande mal e seus traumas subsequentes, e oferecer-lhes apoio psicológico e espiritual.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Pronunciamento da Presidência da CNBB sobre abusos sexuais na Igreja (48ª Assembleia Geral da CNBB – Brasília, 4 a 13 de maio de 2010). Brasília: CNBB, 2010. *Link* para acesso ao documento integral disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/cnbb-se-pronuncia-sobre-abusos-sexuais-na-igreja-ficha-limpa-e-congresso-eucaristico/>>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

Em Roma, numa das plenárias da Pontifícia Comissão para a Tutela dos Menores (2018), foi decidido que o Brasil será o primeiro a sediar a realização de um dos projetos-pilotos de escuta às vítimas de abusos sexuais, definido como Conselho Consultivo de Vítima Local. Trata-se de um projeto que visa criar ambientes seguros e processos transparentes no interior dos quais as pessoas que foram abusadas possam abrir-se com confiança.

#### **4. O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS NA IGREJA UNIVERSAL**

Além da crise de credibilidade pela qual passa a Igreja, a crise financeira – devido à indenização das vítimas – comprometeu em muitos lugares a sua ação pastoral e missionária. Como resulta praticamente impossível medir tais impactos, optei por abordar, aqui, medidas que foram tomadas pela Igreja Universal em relação ao modo de abordar e prevenir os escândalos sexuais.

##### **4.1. PASSOS QUE A IGREJA CATÓLICA VEM DANDO PARA O COMBATE À EXPLORAÇÃO DE MENORES<sup>10</sup>**

O encontro sobre a “Proteção dos Menores na Igreja”, que se realizou no Vaticano, de 22 a 24 de fevereiro de 2019, foi o primeiro a envolver, no âmbito mundial, todos os presidentes das conferências episcopais e os responsáveis das ordens religiosas, para enfrentar a questão na perspectiva do Evangelho. Convocado pelo Papa Francisco, teve características “sinodais” sem precedentes; isso indica o quanto a luta contra a chaga dos abusos perpetrados por membros do clero e religiosos é uma prioridade para o Papa

<sup>10</sup> Vou me referir, aqui, apenas a alguns documentos que considero mais significativos. A lista completa deles e das orientações da Igreja está em 4.2.

Francisco. Ouvir as vítimas, ampliar o conhecimento sobre o assunto, partilhar boas práticas, receber orientações precisas do Santo Padre e reforçar a consciência da gravidade da situação a ser enfrentada e superada foram alguns dos objetivos do encontro.

Contudo, o encontro não representou, certamente, o primeiro passo da Santa Sé nem das Conferências Episcopais nessa direção. Foi uma etapa histórica de um caminho que a Igreja católica vem realizando há mais de trinta anos em países como Canadá, Estados Unidos, Irlanda e Austrália e há dez anos na Europa. Caminho que prosseguirá também depois do encontro.

A renovação das normas canônicas sobre os casos de abusos de menores por parte de membros do clero e de religiosos começou no Vaticano há dezoito anos. Nos últimos vinte anos, foram vários gestos, discursos e documentos que os Papas dedicaram a esse doloroso tema. Algumas vezes, a publicação de normas e protocolos não produziu uma mudança imediata de mentalidade, necessária para combater os abusos. Mas, por outro lado, não podemos ser indiferentes em relação a tantos esforços feitos por anos e anos.

Uma das primeiras Conferências Episcopais do mundo a dar orientações sobre a violência sexual contra menores foi a do Canadá, em 1987. Em 1989, depois que a opinião pública foi repetidamente abalada por notícias de violência sexual contra menores por parte de membros do clero e de religiosos, foi formada uma comissão específica que, em 1992, publicou o documento “Do sofrimento à esperança”, em que estão contidas cinquenta “recomendações” dirigidas aos católicos, bispos e responsáveis pela formação dos sacerdotes e religiosos.

Nos Estados Unidos, a Conferência Episcopal se ocupou da violência sexual contra menores por parte de sacerdotes pela primeira vez, oficialmente, na assembleia de junho de